

ENTRE DOIS CAMPOS, O SUJEITO DA IDEOLOGIA E DO INCONSCIENTE¹

Ane Ribeiro Patti - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da
Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP)

Lucília Maria Sousa Romão - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão
Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP)

RESUMO: Neste artigo apresentaremos uma discussão entre dois campos do conhecimento sobre a linguagem, a saber: Análise do Discurso de matriz francesa fundada por Michel Pêcheux e Psicanálise freudiana com releitura de Jacques Lacan, em que se destaca o conceito de sujeito da ideologia para a primeira, e do inconsciente, para a segunda. Trabalharemos na linha de construção teórica de Jacques Lacan, elaborada entre 1953 e 1974, em sua releitura da obra de Sigmund Freud -, que serviu de trama conceitual para embasar o que viria a ser elaborado por Pêcheux sobre o *sujeito ideológico*, o *sujeito do discurso*, ou a *forma-sujeito do discurso*, em sua 2ª época de escritos, em torno do ano de 1975, para chegarmos a sua “forma” final, como um sujeito interrogado no bojo da construção teórica na terceira época da AD de Pêcheux, ao final de sua vida, em torno do ano de 1983. A partir do estofamento teórico-metodológico da AD, analisaremos um recorte de corpus retirado da internet, que compõe a seleção que estamos fazendo para nossa tese de doutorado (em andamento), constituído de discursos retirados de/em blogues e sites específicos da temática *reborn*, onde *sujeitos-reborneiras* se apresentam via rede (www) para ressignificar o já-dito sobre maternidade, felicidade, perfeição, real(idade), etc. e onde o *objeto-reborn* condensa tecnologia pra fazer falar o simulacro de vivo.

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito da linguagem. AD e Psicanálise. Tecnologia e ciberespaço.

INTRODUÇÃO:

A partir de nossa tese de doutorado, em andamento, propomos compartilhar neste artigo, uma renovada discussão entre dois campos do conhecimento sobre a linguagem, as quais desenvolvemos no bojo do trabalho que realizamos no Laboratório Discursivo (E-L@DIS) da FFCLRP/USP, com apoio FAPESP (2011/01395-3). Nossa base conceitual-metodológica provém da Análise do Discurso de escola francesa, fundada por Michel Pêcheux (1969) com a interface com a Psicanálise freudiana com releitura de Jacques Lacan.

¹ X EVIDOSOL e VII CILTEC-Online - junho/2013 - <http://evidosol.textolivre.org>

Nosso lugar de entremeio permite a construção de um olhar sobre o sujeito que baliza o sujeito empírico, das teorias comunicacionais, psicologistas, sociologistas, para deixar advir um outro conceito de sujeito, aquele que é efeito da ideologia operando na linguagem, para a teoria discursiva, e o sujeito efeito do inconsciente trabalhando via linguagem, para a teoria psicanalítica.

Faremos um recorte conceitual na obra de Jacques Lacan, elaborada entre 1953 e 1974, tempo em que o autor articula Linguística à Psicanálise, e que serviu de trama conceitual para embasar o que viria a ser elaborado por Pêcheux, junto à teoria do materialismo histórico sobre o *sujeito ideológico*, o *sujeito do discurso*, ou a *forma-sujeito do discurso*, em torno do ano de 1975. Desta trama conceitual, Pêcheux desemboca (1983), em suas últimas indagações sobre o sujeito e sobre a prática discursiva, aproximando-se ainda mais da Psicanálise, em torno do ano de 1983.

A partir do estofo teórico-metodológico da AD, analisaremos um recorte de corpus retirado da internet, que compõe a seleção que estamos fazendo para nossa tese, constituído de discursos postados em blogs e sites específicos da temática *reborn* (que é um boneco feito à imagem e semelhança de um bebê humano, conhecido no Brasil pelo mesmo nome que é chamado na América do Norte e Europa), onde *sujeitos-reborneiras* se apresentam via rede (www) para ressignificar o já-dito sobre maternidade, felicidade, perfeição, real(idade), etc. e onde o *objeto-reborn* condensa tecnologia pra fazer falar o simulacro de vivo.

A TESSITURA DE DOIS CAMPOS: AD E PSICANÁLISE

“A Linguística é solicitada constantemente para fora de seu domínio, acerca de um certo número de pontos sobre os quais, acreditamos, é impossível que ela não tenha “sua contribuição a dar”” (PÊCHEUX, 2009 [1975], p. 77). Da mesma forma, a Psicanálise é sempre chamada a discutir o contemporâneo, o que a faz transpor as barreiras que lhe dão contornos, e participar, desta forma, da construção de olhares a partir de sua escuta. Gostaríamos, a partir do que precede esta discussão, de retornar à questão do sujeito como conceito de fronteira, que permite sempre novos olhares e irrompimentos na língua(gem), apresentando nosso objeto de pesquisa: os discursos sobre os *reborns*.

Conforme introduzimos, os *reborns-babies* são bonecos feitos à imagem e semelhança de um bebê real, a partir de moldes que aliam tecnologia no processamento de seus materiais e a partir disso permitem o artesanato alcançar as fronteiras da arte. “No caso dos *reborn*, os critérios de realidade são inflados ao ponto de confundir um objeto com um bebê” (LIMA, 2011, p.58). Os mínimos detalhes são valorizados no intento de chegar o mais próximo possível das formas, cores, texturas e peso de um bebê humano. Então a dobra de um braço, a covinha de uma bochecha, o brilho dos olhos e da boca, as múltiplas expressões faciais que particularizam cada *reborn*, as microveias que (a)parecem na pele, o desenho das unhas, sobrancelhas de pelos ralinhos e finos, cabelo de mohair, etc., compõem a imagem final que remete ao bebê real, o que encanta e fascina todo um público deste mercado consumidor. Do ponto de vista antropológico, encontramos uma monografia em que a autora descreve da seguinte forma a essência, “o espírito da coisa” almejada nesta arte:

A morfologia corporal dos *reborn* compõe uma semântica corporal esquemática e hierarquizada. Membros e cabeça são priorizados em detrimento do tronco. Este, por sua vez, deve ser de pano, e, dado o seu não-realismo, está escondido por roupas “de bebês reais”. Ademais, um tronco de vinil não permitiria que o corpo fosse preenchido com o peso adequado, o que implicaria em um não “realismo” do objeto em seu aspecto tátil. Assim, é mais importante que os *reborns* tenham uma “bundinha fofinha de fralda”, a maciez e a vulnerabilidade de um recém-nascido que um umbigo. Porém, há também uma alternativa técnica para quando as artistas fazem fotos dos *reborn* pelados para incluir em seus sites: compram um corpo de vinil que é amarrado ao corpo do bebê para que este seja fotografado. (grifos meus, LIMA, 2011, p.58-59)

A circulação deste fenômeno foi potencializada pelo contexto da cibercultura, onde acontecem as negociações, vendas/compras, onde estabelecem relações sociais para além do mercado, trocam experiências relatadas no *on* e no *off line*, e principalmente, constitui-se um processo discursivo que faz repaginar facetas do discurso capitalista pós-industrial nas sociedades de mercado e de consumo.

Se por um lado temos um sujeito sendo produzido ideologicamente pelo discurso capitalista, que propicia *formações discursivas* em que estes *sujeitos-reborneiras* se filiam para advir “falando sobre” estes bonecos como filhos, como bebês, naturalizando a prática, a compra, a venda deste produto de um mercado que preza a exclusividade, a alta qualidade de semelhança com o vivo, e, principalmente, em que o espetáculo ganha visibilidade mundial – bastando acessá-lo via rede -, as vitrines cibernéticas revelam outra coisa: a superficialidade que vem planificando o estar no mundo, as relações. Em confluência com Debord (1997 [1967]), (re)tomamos “espetáculo” no sentido em que o autor desenvolve: “[...] o espetáculo é a *afirmação da aparência* e a afirmação de toda vida humana – isto é, social – como simples – como simples aparência. Mas a crítica que atinge a verdade do espetáculo o descobre como a negação visível da vida; como negação da vida que *se tornou visível*.” (DEBORD, 1997, p.16).

OS DISCURSOS SOBRE A REBORNAGEM E OS EFEITOS DE SENTIDOS

Dizer que um *reborn-babie* é “perfeito”, não equivale a dizer justamente seu contrário? Sua imperfeição constitui-se de evocar o que lhe falta: vida. Por outro lado, ter vida equivale e ter imperfeições. Um *reborn-perfeito* é a afirmação do inumano, pois um bebê-humano é “imperfeito”, precisa das falhas para constituir-se humano, ele é singular, e pode emergir na linguagem como um sujeito efeito de sua estrutura de linguagem. A “*negação da vida que se tornou visível*” não é justamente aquela em que objetos são vivificados como seres animados? Poderiam ser outros objetos a ocuparem este lugar de “vivificados”, “humanizados”, em que a tendência à alteridade é anulada e onde o campo dos espelhos reina absolutamente (*Tamagoshis*, animais de estimação e jogos cibernéticos estão aí dando provas disto, só para evocar exemplos). Eis o sujeito da ideologia promovido a uma forma-sujeito *reborneira*,

eclipsando uma “mãe-de-verdade”, um “bebê real”, a alteridade que promove mudanças e transformações aos seres humanos que topam (em amplo sentido) com ela.

Contudo, ainda que estejamos no campo especular, há sempre “um terceiro” em jogo, aquele que imaginamos estar de olho neste espelho, neste espetáculo. O terceiro funciona no processo discursivo como um Outro imaginário, que aparece nas formações imaginárias dos discursos, através de questões tais como estas formuladas Jogo de antecipação das formações imaginárias (PÊCHEUX, 2010 [1969], p.82): “Quem sou eu para lhe falar assim?”, “Quem é ele para que eu lhe fale assim?”, “Quem sou eu para que eu lhe fale assim?”, “Quem é ele para que me fale assim?”, “De que lhe falo assim?”, “De que ele me fale assim?”, às quais acrescentamos: “O que o outro vê/escuta disto que digo/mostro?”, “O que significa dizer isso que digo/mostro?”, etc... que remetem à teorização sobre a heterogeneidade dos discursos formulada por Jaqueline Authier-Revus (1998) e estão presentes no quadro das formações imaginárias formulada por Michel Pêcheux (op. cit.).

Estas questões nos levam a interrogar sobre a naturalização das postagens em que dão a ver discursos sobre a *rebornagem*, suas rotinas com estes bonecos, seus investimentos para que esta prática aconteça, se difunda, e confunda os outros. Aliás, a confusão entre um *reborn* e um bebê aparece como uma *regularidade discursiva* que aponta o prazer com este equívoco do outro, situações as mais variadas são narradas com prazer sobre este engodo. Entram em jogo mais uma vez termos como *perfeição* e *real* assim como *felicidade*.

O *processo discursivo* (PÊCHEUX, 2009 [1975]) é flagrado na grande teia mundial (em rede) de forma a dar movimento à base linguística, suas estruturas fonológicas, morfológicas e sintáticas (PÊCHEUX, op. cit.), demonstrando que a língua, como instrumento, serve para comunicar e não-comunicar sentidos (id. ibid.). No contexto cibernético em que encontramos postagens sobre estes *reborns-babies*, pinçamos vários termos que vêm (re)atualizar sentidos sobre o que é um bebê (e o que é uma mãe em relação à este bebê) neste novo recorte da contemporaneidade que faz falar sobre um bebê *virtual* (no sentido levyniano do termo, de virtual enquanto potencial) que ocupa um lugar na vida (real) de uma (pseudo)mãe.

Um termo que ilustra esta fronteira entre o linguístico e o discursivo é a expressão “*quase-bebês*” (LIMA, 2011), onde encontramos uma contradição ideológica pinçada em discursos da *rebornagem*, que inscreve o boneco como um “*quase-bebê*”, *como se* fosse um bebê, e o hífen que faz barra ao sentido de bebê, distanciando de vez o boneco do bebê real, instaurando a força do imaginário no investimento de um objeto, ou como preferimos chamar, na vivificação do morto. Um “quase” indica o que não é, não aconteceu, não realizou, denota a hiância entre uma coisa e outra.

Neste trabalho, como analistas do discurso, podemos realizar esta leitura que visa à atribuição de sentidos sobre estes discursos que funcionam como objetos simbólicos, e que por isso mesmo, nos clamam por uma interpretação, o que não quer dizer que sejam só estes os possíveis sentidos, os sentidos legítimos, verdadeiros, e devam ser lidos à risca como à uma receita técnica. Pelo contrário, se nos dispomos à expor nosso ponto de vista sobre este objeto, e, desta forma e não de outras possíveis, é no intento de abrir questões, partilhar ideias, movimentar e produzir reflexões sobre linguagem, tecnologia, e sujeitos da era digital. Os discursos são vestígios do que se passou, e não alcançam nunca o dinamismo de uma fala, por exemplo, que promoveria um verdadeiro debate sobre a *rebornagem*. Mas no registro da escrita, eles nos

possibilitam uma leitura pela história, que compõe as *condições de produção* (PÊCHEUX, 2010 [1969]) dos mesmos.

Como diz Lacan (1998 [1953]) em seu texto fundador sobre “Função e campo da fala e da linguagem”: “*Nada há de criado que não apareça na urgência, e nada na urgência que não gere sua superação na fala*” (LACAN, 1998a [1953], p.242). E cabe ao (psic)analista à tarefa de dar escuta às falas, e diante delas, ser “descaridoso”, no sentido (lacaniano) de não atribuir sentidos à elas, para que o sujeito fale, e produza seus sentidos (LACAN, 1998a [1953]), para que o sujeito emergja entre significantes (LACAN, 1998b [1964]) e a partir disso, que seu inconsciente trabalhe (pois até o inconsciente tende à inércia (FREUD, 2004 [1915]), dá um trabalhão ao analista “furar”, “cavar”, fazer “brechas” na língua para que a linguagem restaure seu estatuto – de comunicar e não-comunicar, mais uma vez indo de encontro à Pêcheux (2009 [1975])) e volte a ser ritmada, criativa, vivificada.

Enquanto que, pelo viés discursivo, as discussões e debates são fiados pela conjuntura histórico-social na confluência com a língua em movimento, em que aparece também o inconsciente, pelo funcionamento do *non-sense*, do equívoco, da possibilidade de um vir-a-ser outro conforme o sujeito que se posiciona diante de um objeto simbólico para interpretar, ainda que seja uma interpretação datada, localizada, incompleta e de meias-verdades, ela tem seu lugar e seu valor no câmbio de sentidos socialmente produzidos, em uma memória discursiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

É do lugar de artesãs, tecelãs destes fios discursivos que compõem AD e Psicanálise, já tecidos na história, pagãs que dessacralizam os textos fundadores, profanam no sentido de por as mãos, olhos e ouvidos nestes (já-lá) escritos, que pretendemos fechar este trabalho, mas tentaremos continuar a articular (algo de novo, quem sabe?), e abrir aos efeitos de ambas no funcionamento discursivo contemporâneo que faz falar sobre a criança, o infantil, a maternidade, ser mulher, internauta, um sujeito da modernidade brasileira que emerge pelo sítio discursivo da arte *reborn* e que afeta e é afetado pela linguagem e pela tecnologia. A crítica se faz necessária, de carona com Debord (op. cit.), para que o mundo real não se transforme em simples imagens e estas não ocupem o lugar do vivo, pois a vida transcende o espetáculo, o imaginário, e como disse o autor sobre o sujeito alienado: “[...] *quanto mais ele contempla, menos vive*” (DEBORD, 1997, p.24)

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Palavras Incertas: as não coincidências do dizer*. Campinas: UNICAMP, 1998.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FREUD, Sigmund. (1915). Pulsões e destinos da pulsão. In: *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*, Vol 1: 1911-1915. Coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2004.

LACAN, Jacques. (1953). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. Relatório do Congresso de Roma, realizado no Instituto Di Psicologia Della Università Di Roma em 26 e 27 de setembro de 1953. In: *Escritos*; tradução Vera Ribeiro; Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998a.

_____. (1957). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998b.

_____. (1964). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

_____. (1959-1960). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

LIMA, Mariana Cruz de Almeida. *“Faz-se figura humanizada”*: reflexões acerca de bebês quase-reais. Monografia apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Ciências Sociais, com habilitação em Antropologia. Orientador: Carlos Emanuel Sautchuk (DAN/UnB). Brasília, 2011.

PÊCHEUX, Michel. (1975). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução: Eni Orlandi ET AL. 4ª edição, Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2009.

_____. (1969). Análise Automática do Discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (Org). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas/SP: Ed. Unicamp, 2010.